

“Eu sou essa necessidade pura”

Notas do encontro da comunidade de São Paulo realizado em 4 de junho de 2022 com a presença de Marco Montrasi (Bracco), responsável nacional de CL. O tema foi o capítulo “Cristo, tudo em todos”, do livro *Dar a vida pela obra de Outro*, de Luigi Giussani.

Canto: *Romaria*

Olavo: Vou começar a assembleia repetindo aquilo que o Bracco me falou na hora do almoço: que possa acontecer com a gente o que aconteceu com aqueles que estavam em Pentecostes. Que possamos sair daqui mudados, diferentes. Então quero começar pedindo para a gente rezar um Glória ao Pai. Sempre me comove muito quando a gente reza ou quando a gente canta “Romaria”, quando a gente fala assim: “como eu não sei rezar, só queria mostrar o meu olhar”. Para mim é marcante, porque é a necessidade pura. É pedir para ser. A proposta hoje da Assembleia é a gente retomar o capítulo “Cristo é tudo em todos”. Então, vamos aproveitar esse tempo também para identificar em nós que necessidade temos. Neste frio, por que a gente está aqui? A gente poderia estar em casa. Mas por que a gente está aqui? Por que o Bracco veio pra cá, acompanhar a gente? Então, que necessidade a gente tem, que questões surgiram nesse tempo, com esse trabalho que a gente fez na Escola de Comunidade (EdC), neste ponto do “Cristo é tudo em todos”. Então vamos começar.

Participante: Eu sou neurologista e sou mãe de duas filhas, uma de 4 e uma de 2 anos. Eu queria dividir um caminho que eu tenho feito nesses últimos tempos, contar como a EdC me ajudou nesses dois contextos: de ser neurologista e ser mãe. Eu vejo duas coisas que sempre me trazem incômodo. Um é sobre o estudo da neurociência, que cada vez mais está tentando explicar que o fato do homem ajudar o próximo e sentir compaixão acontece porque foi algo evolutivamente favorável para perpetuar nossa espécie, inclusive com muitos dados e evidências biológicas. Por exemplo, existem neurônios que a gente chama de “neurônios espelho”; eles são ativados quando a gente vê alguém sofrendo algo. Se a gente vê alguém se machucando, nós vamos ativar no nosso cérebro os mesmos neurônios que a gente ativaria se a gente estivesse se machucando. Então, é como se você realmente sentisse a dor do outro. E no contexto da educação, eu tenho lido e ouvido muito sobre métodos de educação. Por exemplo, na disciplina positiva nós devemos ser bons, tratar as crianças como iguais, não como inferiores. Mas quem criou esse método se baseia muito em conversas e sempre com um senso de dever, como se fosse algo vantajoso ser bom, porque nós vamos ter uma sociedade melhor. E isso sempre me pareceu esvaziado de sentido, tanto explicar que “a bondade existe porque ela é evolutivamente boa”, quanto “a gente tem que ser bom porque é vantajoso para a sociedade”. Não tem uma percepção de que o outro é de fato filho de Deus, amado e criado por Deus. Em um momento da Escola de Comunidade, a gente estava falando sobre Cristo como modelo de pessoa, o modelo humano a ser seguido e imitado; como o fato “Cristo” mudou a história. Cristo mudou as relações, a barbárie em que viviam. E isso me pareceu muito mais verdadeiro e crível do que pensar que somos bons porque é evolutivamente vantajoso. Mas eu não tinha muito claro por quê, e isso já há muito tempo que eu venho pensando. Em meio a tudo isso, a minha filha mais velha tem me perguntado coisas com frequência, muito profundas; ela não se contenta com qualquer resposta. Na última vez ela me perguntou: “Mãe, por que nós temos que nascer com 0 anos, fazer um ano, depois 2, 3, 4, aí a gente cresce, estuda,

e aí depois a gente fica velho e morre, e nunca mais volta?” E diante dessa pergunta, eu nunca ia conseguir responder com a ciência somente, ou com aquelas respostas da Universidade sobre a evolução e etc. E isso não me ajudou em nada. E nem a filosofia positiva quando, apesar de eu saber o que seria melhor fazer em cada situação, saber que eu poderia agir bem com elas. Mas eu vejo que tem uma desproporção, que muitas vezes eu não consigo fazer aquilo que eu sei que seria bom. E o trabalho desse livro da Escola de Comunidade tem me mostrado que tudo isso é muito pouco, porque não tem um rosto. Dependeria ou só do acaso ou totalmente de mim e da minha capacidade, que eu não consigo sustentar. E tem ficado cada dia mais claro para mim que, sem a misericórdia, nós não poderíamos de fato viver; que o que entrou na história e mudou tudo não foi uma pessoa boa que é Cristo para nos mostrar como ser bons, mas foi mesmo Deus e a sua misericórdia, que é o que pode nos tirar do nosso nada.

Bracco: Isso que ela falou é impressionante: como se a compaixão, aquilo que sentimos, a origem de tanta maravilha ou de comoção, tivesse tudo uma explicação de causa e efeito, reduzindo tudo. Alguns neurônios que são iguais àqueles de quem está vivendo aquela experiência. E depois você falou da sua filha com essas perguntas, né? É que a gente às vezes, nós mesmos não temos resposta. Imagina para falar para nossos filhos. Mas se aquilo que a gente vive, a gente não consegue contar em poucas e simples palavras para uma criança, é como se no fundo aquilo ainda não fosse uma experiência viva, concreta, que passou para nós. Então, que provocação enorme ter alguém que possa lhe fazer essa pergunta: por quê? Por que temos que sair hoje de casa? Por que temos que estar aqui? Por que temos que batalhar? Nesse tempo trabalho como louco para poder ganhar um projeto. Por que dar tanto tempo para poder ajudar as pessoas? Estamos aqui nessa casa [sede da ATST¹] por onde milhares de pessoas passam, porque alguém está querendo ajudá-los. Para que se um dia tudo vai acabar? Sabemos que não vai acabar, mas até onde eu vivo isso no íntimo, com certeza dessa esperança? E me marcou essa coisa: “eu sou necessidade pura”, falava o Olavo. Porque hoje, quando começamos uma reunião antes daqui, teve isso: estamos no tempo entre Ascensão e Pentecostes, e aqueles homens, naqueles dias, estavam totalmente perturbados. Tinham vivido experiências excepcionais e de repente chegou um furacão, tudo mudou do dia para a noite. O coração vibrando, pulando de alegria, e de repente tudo é um abismo de medo. E, depois, pensaram naquilo que aquela pessoa que revolucionou a vida deles tinha falado. “Mas será que é verdade? Será que não vai acabar tudo isso?” Porque devem ter vivido um momento em que tremiam as pernas. Eles se encontraram naquela sala, como aqui agora – talvez escuro, meio frio, covid passando talvez, uma outra epidemia, medo de coisas, circundados pelos medos –, mas precisavam viver, precisamos viver. Só que aconteceu alguma coisa entre quando eles chegaram àquela sala e quando saíram. E aconteceu alguma coisa que foi esse dom, o dom mais precioso que alguém pudesse pensar para nós. Que é me dar o Espírito, me dar o eu, me dar a esperança, me dar essa coisa que nós temos que chegar um dia e poder explicar para nossos filhos: o que é esse Espírito Santo. Porque eles chegaram de uma forma e saíram de outra. Eu tantas vezes entrei de uma forma e saí de outra! Não foi embora aquela presença. Eles tiveram um momento em que tiveram a consciência clara de que tudo aquilo que tinham vivido, aquele “Eu” que tinha mudado a vida deles, estava com eles! Ninguém ia tirar mais! Ninguém ia tirar mais deles aquela presença. “Não sou mais eu que vivo, é um outro que vive em mim” – como uma pessoa pode falar uma coisa dessas? “Eu tinha procurado antes, alguns anos antes, matar todos aqueles que falavam

¹ ATST (Associação dos Trabalhadores Sem Terra de São Paulo) fundada por Marcos Zerbiní e sua esposa e presidente da Associação, Cleusa Ramos.

essas coisas”. Então, nós estamos aqui; entramos aqui, todo mundo com algumas coisas na cabeça, né? Não sei como iremos sair. Mas eu, agora, pensando nisso, nós somos chamados a fazer essa mesma experiência que fizeram aqueles doze naquele dia, que parecia ser um dos dias mais terríveis, talvez. Não era um dia igual ao outro: era pior que os outros. Pior que esses dias, para nós. Onde podia ter uma angústia muito pior que a angústia que podemos ter agora, pelo medo de um vírus, ou pela tristeza de um dia escuro. Muito, muito pior. Mas entraram de uma forma e saíram de outra. Porque alguém lhes deu essa possibilidade. “Eu sou essa necessidade pura”, de poder ver e poder fazer essa experiência de novo. Porque a mim foi dada também essa experiência que fizeram os Apóstolos: me foi dado também, no dia do meu Batismo. Esse dom me foi dado. E depois me foi confirmado. E depois, nesses dias, tantas e tantas vezes pude tomar consciência de que eu posso viver a mesma experiência que viveram aqueles doze. Não é outra coisa. Não estou correndo atrás, sabe? Quase como um desesperado: “Me dá isso!” Não, já me foi dado isso. Eu fiz tantas vezes experiência disso! É disso que eu sinto falta, é disso que eu sou necessidade pura. É disso que, quando chega um momento assim, que talvez você tem que levar a sério, você talvez fica meio incomodado. Por quê? Porque está lhe faltando isso. Talvez tenhamos entrado aqui meio assim, quase esperando nada. Por quê? Porque está me faltando isso! Porque sou desejo disso, sou sede disso. Que eu possa refazer aquela experiência, que é a única que pode me fazer olhar a minha criança e falar em poucas palavras – ou não falar nada, dar um sorriso. E ela poder entender que tem uma resposta. Talvez não falando nada, talvez mudando de assunto, e ir embora certa de que ela entenderá, caminhando com você, grata por aquela pergunta. E hoje, então, fui retomar esse [livrinho do Pigi Bernareggi](#) porque, para mim, quando se fala de misericórdia, eu não posso separá-la de algumas pessoas. Eu acho que cada um de nós não poderia falar de misericórdia – é um teste, talvez – sem que venham logo à cabeça algumas pessoas. Que são algumas pessoas que pegaram os seus cacos quebrados e o puseram de pé. E não foram elas, foi através delas. Então lhe dão ainda mais segurança de que a misericórdia é uma coisa que não é um simples gesto de um cara bondoso: tem uma coisa a mais. Porque a gente entendeu que era aquela pessoa, mas era uma coisa além daquela pessoa. E isso dá mais segurança ainda de que a misericórdia é uma coisa misteriosa, uma coisa que vai além. E sendo além, é ela que me possui, não sou eu que possuo aquele olhar de misericórdia. Por isso que, quando encontramos pessoas assim, nunca mais você pode tirá-las da sua experiência. Estão dentro de você. Então, para mim, Pigi, Carrón, Dom Giussani e tantas pessoas. Quando você reconhece aquele olhar da misericórdia, aquele olhar de Jesus, na misericórdia... Porque ninguém consegue pôr você de pé, juntar os cacos, os pedaços... Não é uma bondade, é uma coisa que vai além, por isso que você nunca mais esquece. Então ele falava assim: “Se você soubesse o quanto o amo, você retornaria, Jerusalém”. É um canto: se soubesses, Jerusalém, quanto te amo. “Você correria. E o peso dos seus pecados” – olha isso! – “e o peso dos seus pecados o faria voltar mais rápido”. Essa é a misericórdia. Ele falava: “Aliás, eles o empurrariam, o arrastariam até mim. Primeiro vem o amor de Cristo, a graça precursora. Depois vem o nosso retorno. Mas se não existisse esse amor de Cristo, não poderíamos retornar”. Essa é a coisa louca. O que permite, o que tem de único na experiência da misericórdia? Que o peso dos pecados – fazendo experiência da misericórdia – o peso dos pecados começa a ter uma força contrária, sabe? Em vez de te empurrar para baixo, começa a ser uma força que te faz correr. Por isso que você começa a viver de novo. Mas precisa de um instante, de um momento que o peso dos pecados, em vez de o levar para baixo, você começa a ver que o está empurrando para aquele olhar que cantamos. Isso é possível só quando você vê um olhar misericordioso. Porque é ele que permite essa mudança de sinal,

entende? Sem esse olhar, nós viveríamos só tentando tirar o peso. E aqui o peso dos pecados vira uma energia que me faz correr, que me faz ajoelhar... Imaginem o peso dos pecados da Madalena! Que energia que ela tinha para abraçar Jesus? Era o peso dos pecados que mudou de sinal e se tornou força para agarrar. E quando nós não temos essa memória desse olhar de misericórdia, o peso dos nossos pecados nos afasta ainda mais. Em vez de se tornar a energia que o faz correr, o afasta ainda mais. Por isso é só esse olhar de misericórdia que nos faz amar quem vive a ciência assim. Porque é outra coisa a ciência sem o olhar da misericórdia. É outra coisa olhar sua filha sem o olhar da misericórdia. É outra coisa a gente estar aqui sem o olhar da misericórdia, sem fazer memória desse olhar de misericórdia de alguém. É outra coisa a vida sem ter alguém que me faz lembrar esse olhar de misericórdia. É outra coisa. Então, a graça é não se acostumar a viver sem. Essa é a tragédia: podendo saber tudo, aliás, tendo já vivido tudo, a gente se acostumar a viver como um livro, mas sem fazer mais essa experiência.

Olavo: Oi. Que experiência você está fazendo nesse tempo?

Participante: Eu não me preparei muito para falar, então vou tentar falar o que eu estou vivendo. A minha mãe teve um AVC no dia dos Exercícios da Fraternidade. Eu a socorri, levei lá no hospital, deram alta e ela parecia bem, saiu do hospital andando e falaram que depois ela ia ser acompanhada pelo cardiologista. Eu não ia nos Exercícios, mas a minha irmã falou que ficava com ela e minha mãe também ficou insistindo: “É para você ir, eu já estou boa”. Mas enquanto minha irmã a levava para sua casa ela começou a ter uma convulsão e foi para o pronto-socorro de novo e ficou internada até hoje. Está internada ainda. E eu fiquei pensando por que eu estava com tanto desejo de vir aqui. Porque o fato também de ter ido para o Retiro foi um presente tão grande, tão grande, para eu poder estar vivendo essas circunstâncias, que eu não sei explicar, eu não sei dizer. Mas aquela frase “Marta, Marta, porque te afliges com tantas coisas?” foi para mim nesse período. Eu não sei nada, vai ser uma situação muito difícil daqui para a frente. Minha mãe está viva por uma graça de Deus, porque ela foi ficando muito, muito ruim. Ficou vários dias na UTI porque, além do AVC, ela teve uma infecção que os médicos suspeitaram que era uma septicemia. Isso é uma coisa muito grave. Então eu achei que ela ia morrer mesmo. Mas também não fiquei desesperada e para mim foi também uma coisa grande perceber isso na minha experiência, que tudo é d’Ele. E agora também, ela está com um lado todo paralisado, o lado esquerdo dela não mexe nada. Eu tenho uma irmã que mora em Minas, que veio para ficar direto com ela. Então ela está num centro de reabilitação agora. Eu estou indo todas as tardes lá, porque meu pai também está perdido. Tem 57 anos que são casados, apaixonados, então eu pensei que a minha função era cuidar dele. Só que ela está num lugar que é uma hora e meia, duas horas da minha casa. Então eu tenho que ir, levo meu pai, passo a tarde lá, e volto. E fiquei pensando que essa é a resposta que Deus está me pedindo, porque no texto fala da oferta, aquela coisa que a realidade é de um outro... Não sei explicar, eu só sei dizer que, com toda a dramaticidade – os nervos ficam à flor da pele, teve uma briga entre as minhas irmãs, então que Deus tenha misericórdia de nós também nesse tempo –, é esse lugar aqui que me constrói, esse lugar que me deixa ficar em pé. Quando eu entrei no Movimento tinha 20 e poucos anos, e foi quando a Elisa [*jovem colegial que teve leucemia*] ficou doente e morreu. Até hoje, para mim, a Sílvia [*mãe da Elisa*] é uma pessoa que me fascina, porque eu a vejo de pé, vejo ela enfrentar circunstâncias de um jeito que eu sempre pedi, porque eu sei que a vida não é fácil. Mas eu sempre desejei isso, que eu pudesse enfrentar a realidade tendo a certeza de que tudo é para um bem. E aí tem também a companhia de cada um, pois não é que eu consegui ficar perto de muita

gente, mal consegui falar, só pedi para rezar. Foi tudo muito intenso. Mas eu me sinto muito sustentada. Não sei, para mim essa é a experiência da Igreja, e a experiência da minha vida. Eu sempre falo dos filhos, o drama dos filhos – por que não vem? Por que não vai? – e eu percebo que Cristo constrói a vida deles também, olhando para tudo isso o que está acontecendo. Então é isso, é essa entrega e essa certeza de que tudo está nas mãos d’Ele. E depois essa gratidão por poder estar aqui, por ter ido aos Exercícios. Porque, de um jeito ou de outro, isso constrói o que eu sou. Eu não sou melhor do que as minhas irmãs que estão mais abaladas, não sei dizer, mais desestruturadas. Mas o que eu penso é que eu precisava vir aqui de novo, para continuar. E não vim aqui porque vocês são os mais legais, mas porque é um mistério, tudo. E não dá para negar que aqui tem algo muito grande, que é o que eu desejo para mim todos os dias, que às vezes demora para dar o nome, mas que é Cristo, não tem outra explicação para você viver uma dramaticidade e ficar de pé.

Olavo: No texto me marcou muito quando ele fala que Jesus faz aquilo que ele vê o Pai fazer. É a consciência desse relacionamento com o Pai. Então, sempre me marca muito pensar que circunstâncias como essas acontecem também para a gente para nos lembrar dessa relação que a gente tem com o Pai. Porque muitas vezes a gente vive como se não dependesse, como se a gente não tivesse consciência do que a gente necessita de fato. Então, vejo que essas coisas também são um presente. Se a gente tem consciência da proposta que ele está fazendo de relacionamento com a gente: que a gente possa fazer essa mesma experiência que ele fez com o Pai, de relacionamento com o Pai. Para mim essa é a misericórdia, de nos vermos abraçados dentro da nossa fragilidade, dentro daquilo que a gente é.

Bracco: Eu queria falar de um trecho que me marcou muito da Escola de Comunidade, retomando aquilo que ela falou agora: “A comunidade da Igreja é o lugar onde o acontecimento da presença de Cristo se renova”. É novo, renasce. Também é disso que temos que tomar consciência, cada vez mais. A comunidade não é o lugar mais legal. Mas por que se torna o lugar mais legal? Porque “é o lugar onde o acontecimento da presença de Cristo se renova”. Aquele olhar de que falamos, se renova, é novo, renasce. “O método que o mistério usou para dar-se, para revelar-se à sua criatura, é o método sacramental”. A nossa companhia é um sacramento. O que isso significa? Se a sua filha perguntasse “Mãe, o que é um sacramento?”, saberiam responder? Esse é um texto para a gente também pensar em como estamos fazendo Escola de Comunidade: é uma escola para a gente ir aprender. Aqui diz: “Sinal que contém o mistério de que é sinal”: isso significa Sacramento. Por que a companhia é sacramento? Porque contém um sinal do qual é sinal. No Batismo usam coisas, água, e é um gesto que me dá aquele mistério dentro daquele sinal. A matéria do sacramento do matrimônio são os dois que se tornam uma coisa só. “Sinal que contém o mistério de que é sinal. A comunidade da Igreja é um aspecto desse sinal. É a veste dessa presença”. Aqui é um exemplo espetacular para entender: “É a veste dessa presença. É como a veste de Jesus para as criancinhas que estavam perto dele. E aqueles bem pequenininhos, de 4, 5 anos, que o rodeavam, lhe agarravam as pernas, enfiavam a cara nas suas vestes e não viam seu rosto. Não guardavam a cara, nem viam a cara dele, mas estavam ali com ele”. Como a nossa companhia: nós agarramos a veste, mas não vemos a cara. Mas é ele. E você percebe que tem ele, como as crianças. “De modo que a roupa, a túnica inconsútil que Jesus estava vestindo, permanecia nos olhos das crianças mais do que a sua cara”. Os rostos entre nós, ficam entre nós os olhos de misericórdia. Permanecem nos nossos olhos mais do que a cara dele. Como era São Francisco, como era São Paulo, aqueles que

encontramos. Mas eles eram sinal dessa presença que estava no sinal. E o meu ser reconhece aquele traço inconfundível. E você pode dizer: “Jesus, você deve ter esses traços! Porque eu sei um pouco dos traços que você tem, porque eu já ouvi falar de você tantas vezes! Não te vi, mas eu já ouvi falar de você tantas vezes, de Madalena, de Zaqueu. E quando alguém me contava, eu percebia que tinha esse traço. Enquanto contava, eu via esse traço inconfundível. Você deve ser assim”. E o rosto dele começa a se tornar mais definido. Mas isso aconteceu através do contato com a veste, com a veste de tantos rostos que encontramos. Isso é o sacramento da nossa companhia. Você vê isso fazendo Escola de Comunidade, como uma frase, que parece seca como uma pedra que jogam na sua cara, mas se abre e começa a se tornar algo que faz respirar. Não sei, para mim acontece assim, quando se faz esse trabalho espetacular. E te faz agradecer.

Participante: Acho que cada vez mais eu fico com a consciência e com a gratidão de ver o quanto a Escola de Comunidade é o lugar mais importante para fazer esse trabalho de construir o meu eu, de construir a minha vida. Respondendo, o que mais me marca, que mais me chamou a atenção nesse período, foi uma Escola em que a gente estava falando exatamente essa coisa: que se me deixassem sozinha eu ia cortar fora o pecado, eu ia cortar fora a dor. Porque, vivendo o trabalho, vendo as possibilidades de trabalho, vendo o mundo do jeito que está, as coisas sujas, eu não ia querer me envolver com isso, eu não ia topar me envolver com isso, com uma coisa que se corrompe, que não está à altura do meu desejo. Ou então, essa minha necessidade não ia ser a necessidade verdadeira, ia ser uma necessidade que eu consigo empacotar, que eu consigo responder com um curso, com alguma coisa palpável, medida pelo que eu acho que eu preciso fazer para ter sucesso. E na parte profissional tenho sentido muito isso. A Escola de Comunidade para mim é um lugar que me lembra da importância do meu desejo, de partir desse desejo que é maior até do que essa necessidade. Eu acho que ter um lugar em que eu escuto isso, que essa dor, que esse sofrimento, é um crescimento, muda tudo. A gente estava conversando sobre essa questão; eu percebo em mim a mudança e fico impressionada, fico surpresa de ver. Porque eu era essa pessoa que ouvia na Faculdade essa questão da neurociência, ou então a questão de análise de dados, a questão estatística, e eu me sentia completamente sem argumentos contra essa razão. Eu me sinto muito filha do meu tempo, então tinha até essa crise, falando: “Gente, eu estou na igreja, eu vou à missa, eu participo do Movimento, mas a mesma mentalidade não é essa. Eu nem sei o que é que eu estou fazendo aqui, direito. Eu estou seguindo uma coisa que eu não consigo arrancar de mim. Mas eu não consigo ter essa fé pura e genuína como eu vejo em outras pessoas. Eu sou filha do meu tempo”. E ultimamente eu vejo isso muito também, como minha vida vai tomando essa forma, sem que eu tenha que fazer um esforço para isso. Eu vou fazer amanhã um ano de casada, e vejo a beleza de ter um sinal assim na minha vida. E eu me surpreendo vendo como a minha mentalidade mudou. Porque para mim é evidente que um médico que tem religiosidade, que tem um senso religioso, que faz a experiência de fé, tem uma coisa a mais. E não é uma coisa a menos. Não é que isso me limita, isso me abre, abre minha razão, me permite fazer um trabalho de uma forma que eu, quando não tinha isso, não conseguia. Vejo uma positividade nisso. E também essa coisa que você estava falando, de que nem sempre é uma coisa prazerosa, que é só nesse sentido de uma necessidade. Acho que o Prospero falou muito isso nos Exercícios, que tira esse espaço, que é uma coisa que é reativa; que você vai sempre pela sua reação. E às vezes eu sou muito reativa, na vida. Mas é como se eu tivesse achado uma chave para viver assim, porque em tudo tem uma possibilidade boa. Em tudo tem uma hipótese positiva. Eu começo a ver que isso está tomando a forma da minha vida. E aí, se eu tenho um dia ruim, o dia ruim não para aí;

ou então, se eu tenho um trabalho que está ruim, o trabalho ruim não para aí. Não sei, eu me sentindo muito agradecida.

Bracco: Obrigado.

Participante: No começo de março me foi pedido que eu ficasse responsável pelos cantos dos Exercícios esse ano. E foi com muita alegria que eu falei: “Opa! Vamos ter os Exercícios presenciais!” E foram quase dois meses com um grupinho dos músicos, preparando, vai e volta, pensa como faz o tema... Aí no dia dos Exercícios eu testo positivo para a covid. E foi uma dor muito grande. Porque é como se o Senhor falasse: “Isso não é seu”. Uma parte fica preocupada, tem uma questão mesmo assim: de que a gente toma posse das coisas que Deus pede para a gente. E aí quando ele fala “mas isso aqui não é seu!”, é uma retomada. Então, eu não estava muito bem e não consegui participar muito on-line. Quando chegou o domingo e uma amiga cantou *Be Thou My Vision*, que era uma música que fazia uns 15 dias que eu estava cantando todo dia, fazendo segunda voz, preparando, trabalhando aquilo, quando ela cantou eu desatei num choro, que durou acho que umas duas horas. E aí tudo que o Padre Lepori falou, é como se ele estivesse falando para mim. Aquilo entrou no meu coração, toda a Assembleia entrou no meu coração de uma forma, que é como se meus olhos abrissem naquele momento. Então, de novo essa experiência, de que quando a gente não entrega tudo, quando a gente fica tentando reservar alguma coisa, a gente não tem a experiência, não experimenta a beleza do cristianismo. E quando a gente entrega, fala “Pega, é seu” – não por um moralismo, mas por que é seu, a realidade não é minha, por mais que a gente insista que seja – parece que aí os olhos abrem, que aquilo que a gente ouve é para mim. Então foi um momento de uma intensidade, de uma profundidade, de uma verdade, que eu agradei muito a Deus de ter podido viver. Porque eu acho que se eu estivesse lá, não ia viver desse jeito.

Bracco: Obrigado! Chamo a Cleusa agora.

Cleusa Ramos: Pessoal, boa tarde. O Senhor prepara umas coisas para a gente, que também não dá para entender, às vezes. Dois meses atrás o padre Julián disse: “Olha, você está sendo convidada para participar de um encontro dos Cardeais da América Latina, com o Vaticano, com o Papa”. Eu falei: “Meu Deus, será que vou dar conta disso tudo?” E aí eu pensava: “O que eu vou falar?” Eu nem sabia o que ia dizer. E aí fomos para o encontro. E eles falavam sobre coisas da Igreja, o Papa também participou, falou uns 10 minutos na quinta-feira e eu falei na sexta. No encontro, cada dia tinha uma palestra – e falaram os Cardeais, um pessoal falou sobre os índios, o movimento de indígenas, um movimento sobre o trabalho, sobre trabalho com crianças, e depois eu, com o movimento de moradia. E o Papa, quando ele falou, parecia que era Dom Giussani que falava. A primeira coisa que me apaixonei no Movimento foi a primeira vez que o Carrón veio aqui e ele disse: “Eu vim aqui, não foi para ensinar nada para vocês. Eu vim aqui para dizer que o que salvou a minha vida foi eu reaprender o que eu pensei que já sabia”. E o Papa falou isso! Então o que ajuda é a gente sempre reaprender o que a gente pensa que já sabe. O Papa falou isso, falou que o cristianismo só vale se reacontecer hoje. Eu falei: “Então estamos em casa”. E o Papa foi falando, e eu fui entendendo que ali também era o meu lugar. Porque durante a quarta, a quinta-feira, eu achei que eu estava no lugar errado, e me sentia um nada ouvindo aquelas coisas. Então chegou minha vez e o Cardeal, o mediador, me apresenta: “é a Cleusa, da maior Associação do Brasil [ATST] e é do Movimento Comunhão e Libertação”. Falei:

“Agora me deu um currículo danado!” E aí eu contei rápido o que era o movimento do que eu fazia parte, o movimento de moradia, e o Cardeal me perguntou o que me fez resistir tanto tempo. Porque era mais ou menos o que eles queriam saber: qual é o relacionamento da Igreja com o movimento popular. E me perguntou: “O que te fez resistir 40 anos no movimento popular?” Então eu disse para ele que o que me fez resistir 40 anos – porque ele contou que muitas pessoas da Igreja começam um trabalho depois logo param, não tem uma continuidade – e eu disse o seguinte: que o que me ajudou foi que, para mim, o movimento não é uma profissão, não é uma caridade: é uma vocação. Por isso eu resisti tanto tempo. Porque o movimento, a casa, para mim, é uma vocação. Não é uma profissão. Não é um coitado ou uma Pastoral que a gente logo se cansa, porque os amigos não ajudam, porque o padre não ajuda, porque ninguém te ajuda, porque o governo não te ajuda e a gente joga nas costas de alguém e desiste do trabalho. Agora: uma coisa que me fez entender isso foi que eu tenho 40 anos de movimento popular; 20, eu estou no Movimento Comunhão e Libertação. E quando eu encontrei o Movimento, o movimento popular já não era tudo pra mim; a Associação já não me correspondia mais. Porque eu estava como toda pessoa que faz trabalho social: estava cansada, esgotada, nada me correspondia. E quando eu encontrei o Movimento, eu entendi outra coisa: cada pessoa que chegava à Associação, eu dizia: “meu Deus, mais um problema para eu resolver”. Hoje, cada pessoa que chega eu digo: “Vamos ver o que o Mistério vai preparar para nós nesse encontro”. Você abraçar um pobre é difícil, tem muito problema. Mas quando a gente abraça a pessoa, é diferente. Eu aprendi isso dentro do Movimento: abraçar a pessoa. Então, a semana passada fiz uma experiência de participar de um encontro com o Papa, com os Cardeais, e o padre Julián disse que eles ficaram muito contentes. Depois me mandaram mensagem agradecendo a minha participação e querendo conhecer mais o trabalho que a gente faz aqui na América Latina.

Outra coisa é que essa semana tive uma experiência das mais importantes da minha vida, acho. Tem tudo a ver com hoje. A gente trabalha com os moradores de rua e faz um ano que a gente retomou. E a gente encheu um ônibus com moradores de rua e fomos para Aparecida. E eu pensava durante a noite: “Meu Deus, como vamos botar esse pessoal no ônibus? Todos bêbados e fedorentos, meu Deus! O ônibus não tem janela. Ai, meu Jesus! Vamos lá”. Quando eu chego de manhã aqui, todo mundo limpinho e não beberam! Eu fui à frente do caminho e arrumei um lugar bonito para que a gente tomasse café na estrada. Aí descemos, fizemos uma mesa bonita no meio do caminho, tomamos café. Depois tivemos que “abastecer” alguns, porque eles passavam mal, tremiam muito de abstinência. Tivemos que abastecer o ônibus e os caras. Estavam tranquilos, mas só que estavam passando mal. Aí fomos. Pessoal, foi igual quando cantou *Romaria*, e quando você disse “como não sei rezar, só queria mostrar o meu olhar”. O olhar que eles tinham para Nossa Senhora era uma fascinação! Ficaram fascinados, anestesiados. Não se mexiam. E não tremiam. E como você disse, é como você ver os cacos levantando. Um homem destruído que se levantou diante de Nossa Senhora. Foi uma experiência sem igual. E eu pensei: “Eu sou do Movimento, sou católica, sou boazinha. Eu estou fascinada por Nossa Senhora como esses homens? Eu estou desse jeito, fascinada por Nossa Senhora?” Porque eles estavam fascinados. Então a gente aprendeu também isso, Bracco, dentro do Movimento. Que a misericórdia de Deus – do jeito que você disse – é uma coisa muito especial. Não tinha quem não chorasse diante daquilo, vendo o morador de rua, esses caras que são maus, eles roubam celular, eles dão facada nos outros, eles são terríveis, e diante de Nossa Senhora, aquele fascínio! Eu queria ficar fascinada também, igual eles estavam. Então nós, que estamos no Movimento, a gente tem muitas oportunidades, porque você pode ser simplesmente

um católico, e sem fazer um caminho a gente não tem um olhar para essas coisas pequenas. Essas coisas pequenas, essa presença pequena de Nossa Senhora, passa despercebida pela gente. Porque às vezes a gente procura Nossa Senhora em pessoas que já são meio santas, pessoas que são perfeitas. Mas quando a gente pode ver o que aconteceu com esses homens, a gente pensa outra coisa. E a gente só consegue perceber quando a gente tem um caminho. O caminho que Dom Giussani nos ensina, o caminho de olhar para a realidade. Foi um dia muito especial, porque eu pude entender o que Dom Giussani fala, que Deus não está nem aí com nossos pecados, Ele quer o nosso coração, quer o nosso amor. Porque diante de Nossa Senhora a pessoa ficar fascinada do jeito que eles ficaram, é uma coisa sem igual. Então quero agradecer a cada um que está aqui hoje, porque mesmo a gente estando distante, não ficando todo dia um na casa do outro, mas tem a Revista Passos, tem um testemunho, a gente viu muita *Live* agora na covid, a gente aprendeu muito. Obrigada, Bracco. Obrigada Olavo, obrigada todo mundo.

Bracco: Obrigada, Cleusa!

Participante: Durante esses dias eu estava me dando conta de que não é óbvio o nosso relacionamento com Cristo. Tanta coisa que aconteceu nesses últimos tempos! Tempo da covid! Quando começou a covid, padre Stefano Peruggini lá da Itália falava com a gente, e aí sugeri para ele: “Padre, por que você não celebra a missa online já que ninguém pode sair?” E por esses dias fez dois anos que a gente, todo dia, tem missa. Um grupinho de pessoas assiste. E como isso foi uma ajuda clara no nosso caminho, para sustentar. No período da covid eu tive cinco perdas na família: tios, meu irmão, e foram momentos bem difíceis, que eu acordava e chegou um ponto que era: “Senhor, me mostre o que o Senhor quer de mim hoje”. Sem fazer planos: “Senhor, se revela hoje”. Aí me ajudou a passar esse período da covid. Várias pessoas da família, pessoas que não tinham condições, eu fui ajudando; falava com os amigos médicos para me orientar, eu ajudava as pessoas e foi passando. No trabalho também um período difícil, acho que 4 ou 5 anos essa tensão de ser demitido ou não ser demitido. E foi passando, fiquei. O relacionamento com o Senhor não é óbvio, todo dia a gente tem que pedir para que Ele se mostre, qualquer que seja a circunstância que a gente viva. Seja na dor, seja na alegria, seja em qualquer situação. E quando a gente pede de verdade, como o Senhor se revela nas coisas mais banais do cotidiano! Ele pega um detalhe da realidade e constrói. É como os discípulos de Emaús: “Ele falava para a gente e nosso coração ardia”. A gente muitas vezes não vê, mas quando vive essa experiência, o nosso coração arde, de verdade. E toca: você fala “o Senhor está aqui”. Essa semana, depois de muito tempo, uma mudança de chefe no trabalho. Tivemos uma reunião e depois de muitos anos eu saí contente dessa reunião. Aí mandei uma mensagem para o meu chefe novo e falei: “nossa, como foi bom! Depois de muito tempo a gente está podendo construir, ter liberdade”. Posso ser eu do jeito que eu sou, sem máscaras, sem calcular em ser eu. E quando a gente faz essa experiência que eu fiz, de ser eu, o Senhor constrói. A experiência de liberdade, de estar inteiro, de sentir o gosto da comida. Estou há 3 anos trabalhando em casa, estava estressado. Eu falei: vou fazer meu almoço, vou fazer um nhoque. Aí quarta-feira parei meu trabalho, peguei batata, fui fazer nhoque, comi, fiz com todo capricho e ofereci para o pessoal da minha casa. Quer dizer, quando Deus está presente, em todos os detalhes é uma intensidade. Hoje de manhã no rádio, com padre Stefano Peruggini – a gente faz o rádio todo sábado – estava lembrando a história: como Deus é bom, nunca me abandona. Lembrei quando a gente foi no Santo Américo, lembrei a primeira vez que vi o Olavo e o Roger lá no campo de futebol, quase 30 anos

atrás. Quer dizer, como Deus nunca abandona a gente! E quando a gente vive esse gosto, é uma coisa que irradia. É isso que eu queria compartilhar.

Bracco: Obrigado!

Olavo: A gente tem que fazer a experiência do mendigo da Cleusa. A gente tem que se dar conta de que a gente é miserável. Porque aí as necessidades verdadeiras vêm à tona, a gente entende do que de fato a gente precisa. E aí a gente fica com esse olhar diante de Nossa Senhora, como você disse. Então eu só queria aproveitar os últimos minutos e vou pedir para o Bracco ajudar a gente a entender qual é o valor que a Revista Passos tem na experiência que a gente faz, no Carisma que a gente vive. Por que a gente tem a Revista? Por que vale a pena continuar com a Revista? A gente passa por um momento muito delicado, financeiramente, da Revista, as assinaturas têm caído substancialmente, principalmente aqui em São Paulo. Eu queria entender um pouco, se pudesse nos ajudar: por que a Revista é tão importante na nossa experiência?

Bracco: Antes de falar na Revista, eu queria falar da caritativa. Quando eu conheci a Cleusa e o Marcos, todos os amigos da Associação, eu me aproximei deles e fiz uma experiência, conhecendo também todos os coordenadores, e depois comecei a participar das reuniões dos meninos, encontrar os meninos. Eu voltava para casa e a minha casca dura – como a casca do ovo – estava meio quebrada. Eu entendi que a experiência que eles têm a graça de viver como vocação, nós temos que procurá-la. Um espaço dentro da correria dessa cidade louca que temos aqui, linda, que você amam, mas que, se não tomamos cuidado, nos devora. Como se eu vivesse me acostumando que São Paulo é assim, e nós vivemos assim, e não dá para mudar nada. Estou falando de São Paulo, mas no Rio é a mesma coisa. Se não tomamos cuidado, é como se a nossa consciência se reduzisse aos pouquinhos, e se reduzisse a um pouquinho, mas a gente não se desse mais conta de que é menor! Por quê? Porque em casa é assim, depois não é que se passa muito mal, tem uma televisão, tem uma coisa... E a nossa sensibilidade se acostuma a se reduzir. Por isso que, se não temos uma experiência, ajudada pela fidelidade, significa o quê? Que eu não sei antes o que vai acontecer. Por que a fidelidade é um valor? Por que permite fazer a experiência sem saber antes. Quem veio aqui já sabendo o que ia ser hoje? Como falamos: entramos, eu vou sair diferente. Mas não sabia antes. Isso é o valor da fidelidade: eu vou lá porque o Senhor vai fazer acontecer alguma coisa. Então, se nós não nos educarmos a ter alguma fidelidade com alguns gestos, a nossa sensibilidade, a nossa consciência, se reduz. E, no mundo em que vivemos, será cada vez mais rápida essa redução. Porque antes, quando se vivia num povoado, ou quando você encontrava uma pessoa que vive numa favela, não é como aqui, na cidade em que se vive dentro. Porque ela tem uma humanidade, tem uma coisa, tem relacionamentos que o ajudam a quebrar essa casca. Aqui, tudo o obriga a ficar sozinho, isolado, preso em alguma coisa que outro o faz viver: televisão, coisas para relaxar, trabalho, tempo atrás de alguma coisa, sempre correndo atrás. Eu gosto da minha vida aqui, nesse mundo, não é que estou reclamando: mas temos que nos ajudar também, porque senão perderemos o melhor desta cidade. Daqui a 30 anos não teremos vivido tudo aquilo que de bom temos. Por quê? Porque a nossa consciência, sem que a gente se dê conta, vai se reduzir. Quantas pessoas, depois de um pouco, se tornaram assim, reduzidas? Mas me aconteceu uma coisa que eu sou um copo grande, eu posso conter muita água. Mas, se não me dou conta, depois o meu copo se reduz e você fica com um copinho de cachaça, se enche com muito pouco e você fica tranquilo. A caritativa e a Revista ajudam a dar de novo o tamanho de um copo que precisa de água, que tem sede. Por isso não se

acostumar. Dá fadiga ler? Dá, mas me ajuda a retomar a consciência, a dar tamanho para o copo. Por isso é importante a Revista. Porque aquilo que aconteceu hoje aqui é um tanto assim, a Revista é mais um tanto assim, que pode mudar sua consciência. Mas é um hábito, é um costume, é uma coisa que temos que treinar, como fazer exercícios porque os braços ficam moles. Quer dizer, precisa treinar as coisas para a gente poder ter a consciência. E como se treina? Vendo uma coisa bonita, ouvindo uma coisa bela, ler uma coisa, que não lemos mais nada. Você sente fisicamente que a cabeça se abre. Tem a Entrepassos com os livros. Agora comecei a ler esse livro de poesias que nem sabia o que era [*Estranheirismo*, de Zack Magiezi]. A Entrepassos enviou, vi uma postagem da Camila, comecei a ler, é espetacular! É uma coisa de três linhas e abre sua cabeça. Quantas coisas temos entre nós e nós não aproveitamos. E nos reduzimos. Então cada um decida se quer viver se seduzindo com o andar do tempo, ou quer ter o tamanho de ser educado nessa companhia, que é essa veste de Jesus. Para isso tem a Revista e a caritativa. Por quê? Porque quando você encontra essas pessoas, quando você sai de si mesmo, quando se quebra essa casca, aumenta a sua sensibilidade e entra mais essa presença, você fica com mais sede, mais aberto, tem essa experiência deles. É uma oportunidade que temos. Encontrar o pobre, falava o Lepori. Quando você vive isso, você entende o que é. Muda você, muda ver uma pessoa assim, entra em você e você entende aquela coisa absurda: que Cristo passa através dos mais pobres. Mas não se entende se não se faz a experiência. Então falei da Revista, mas falei um pouco geral porque acho que tudo que temos precisamos retomar: a Escola de Comunidade, a Revista, a caritativa. É como os apóstolos que viviam e saíram depois daquele dia. É a mesma experiência. Aqui estamos, nos novos *Atos dos Apóstolos*. Se nós temos consciência de que estamos vivendo os novos *Atos dos Apóstolos*, é uma coisa de outro mundo, dentro desse mundo louco com pandemia, com coisas que ninguém imaginaria poder viver, como os novos *Atos dos Apóstolos* agora.

(Notas não revistas pelos autores)